

190 Ponto de Vista

Associação Brasileira de Antropologia
 Seção DF - Caixa Postal 15-2867
 CEP 701919

Missionários e índios do Alto Rio Negro

A região do Alto Rio Negro está localizada a noroeste do Estado do Amazonas, na fronteira do Brasil com a Colômbia. É uma área banhada pelo rio Uaupés e seus afluentes Papuri e Tiquié. Ali habitam aproximadamente 10.000 índios de distintos grupos, de distintas etnias. Esses grupos têm sido classificados em duas grandes categorias — os Índios do Rio e os Makú — baseados no domínio e exploração que cada grupo faz de uma faixa no meio ambiente comum, isto é, beira rio e floresta. Além disso, elas diferem ainda quanto à língua falada, quanto à qualidade da relação que mantêm entre si e com representantes da sociedade nacional.

Os Índios do Rio, a que nos limitaremos, encontram-se representados pelos seguintes grupos: Arapáso, Barasãna, Karapanã, Kubêu, Desãna, Miriti-Tapúya, Pira-Tapúya, Tariãna, Tukãno, Tuyúka, Wanãno, Baniwa etc. Comunicam-se entre si em Tukãno, uma espécie de língua franca.

Antes da chegada dos missionários Salesianos à região, esses índios viviam em casas comunais — as malocas — sendo cada maloca a morada de um grupo de descendência patrilinear (isto é, um grupo cuja referência de parentesco é dada pela linha paterna). Mais do que um simples abrigo, as malocas constituíam o próprio centro da vida cerimonial e núcleo alimentador das crenças cosmológicas do grupo. Decorrencia do lento processo de contato que vêm sofrendo desde o século XVIII, os índios foram forçados a abandonar as malocas (queimadas pelos missionários) e vivem hoje em casas padronizadas, à moda do caboclo amazônico.

A diferença de outras situações conhecidas, onde o motor do contato entre os grupos indígenas e a sociedade nacional foram frentes pastorais, agrícolas ou extrativas, temos no Alto Rio Negro a configuração de uma «frente de expansão» especial, na qual o determinante econômico, embora presente, é escamoteado. Podemos dizer que a atuação missionária na área foi semelhante àquela realizada pelos primeiros padres jesuítas no período do Brasil colônia, isto é, o aldeamento ou redução, a catequese e educação. De modo semelhante, a história se reproduziu em pleno século XX comandada por um novo arranjo de forças econômicas e políticas. A chegada dos Salesianos à região ocorre no Estado Novo e por ordem de Getúlio Vargas.

Sendo os Salesianos educadores por excelência, desenvolveram uma política educacional, instalando grandes internatos e escolas nos povoados indígenas. Paralelamente à educação e catequese, os missionários criaram armazéns que constituíam os únicos postos de troca acessíveis aos índios da margem brasileira do rio Uaupés até 1974, época que se deu a reabertura do Posto da FUNAI na área.

Através da educação formal, introduziram a língua, a história e os valores da sociedade nacional no mundo indígena, promovendo, conseqüentemente, uma mudança de caráter conflitivo não só em relação às condições reais de reprodução da vida dos grupos da área, como também ao nível da representação que fazem de si os agentes da sociedade indígena, posto que três gerações já passaram pelos internatos da Missão. Como fruto da educação formal e da catequese surgiram os catequistas indígenas que, junto às outras categorias engendradas pela ação missionária, compõem um novo quadro político nos povoados. Essas categorias criadas representam de fato a cristalização da relação de dominação na forma específica em que se deu o contato no Alto Rio Negro e que se caracterizou pelo esvaziamento do poder de decisão das lideranças tradicionais, legitimadas pela organização política dos grupos indígenas.

O processo de ocupação do Alto Rio Negro, mais notadamente a ocupação e fixação da Missão Salesiana, imprimiu um caráter religioso ao contato, possibilitando a emergência de uma forma societária fortemente penetrada de uma ideologia católica. O modelo de atuação dos Salesianos pretendeu homogeneizar as várias etnias da área através do processo de «Tukanização» e pela imposição de uma nova ordem social e espacial regida por essa mesma ideologia católica.

O processo de «Tukanização» constitui a própria essência do contato interétnico na medida em que gerou a padronização de grupos diferenciados entre si, anulando essas diferenças sob a categoria genérica de Índios do Rio.

Dentre as várias transformações ocorridas na região, uma delas foi o rearranjo dos grupos domésticos. Desta forma, em substituição aos grupos domésticos que tradicionalmente ocupavam uma maloca, temos agora uma composição por família elementar habitando uma casa. A cada grupo doméstico foi designado um sobrenome, de modo que a referência para a identificação dos indivíduos passa a ser a desse grupo nominado. Não obstante, dentro dessa nova ordem decorrente da transformação das relações sociais, podemos encontrar ainda uma forma de articulação entre os diversos segmentos sociais que contribui para a manutenção da identidade dos agentes sociais e, por conseguinte, do grupo.

Ao destruir as malocas, a ação missionária pretendeu também destruir as crenças indígenas e substituí-las por uma moral católica. É importante notar que a redução dos grupos de descendência patrilinear a grupos nominados segundo padrões da sociedade brasileira, habitando casas individualizadas, distribuídas e organizadas de acordo com um modelo idealizado pela missão, provocou certas transformações na vida cotidiana da população indígena da área, transformação essa que se reflete não só a nível do comportamento como na maneira de conceberem a si mesmos e ao mundo. Nesse contexto, a figura do catequista adquire relevância, uma vez que, correspondendo à extensão da Missão nos povoados através do seu papel de socializador religioso, realiza a civilização entre o mundo «tribal» e o mundo «civilizado», afirmando assim a natureza da relação existente entre esses dois mundos.

Para finalizar gostaríamos de ressaltar que embora o contato tenha sido desastroso para as populações indígenas da área, formas de resistência se desenvolveram. Uma dessas formas pode ser desenhada no padrão de organização social dos grupos. Esse padrão tem assegurado a reprodução social através da manutenção de critérios dados não só pelo reconhecimento de sua ancestralidade como também pelos vínculos patrilineares que entre si estabelecem os membros de uma linhagem.

Ana Gita de Oliveira